Arq. Fac. Hig. (São Paulo)
17(1):29-37, julho 1963

DISCURSO DO PROFESSOR VICENTE DE SAMPAIO LARA*, REPRESENTANTE DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA DA USP

Quando se celebrou o 4.º centenário da fundação de nossa cidade, discutiu-se com acirrada paixão a quem de direito caberiam as honras máximas de sua criação: se a José de Anchieta ou a Manuel da Nóbrega.

A controvérsia prevalecia mesmo entre os doutos da Companhia de Jesus, da qual, ocioso seria lembrar, ambos faziam parte.

Malgrado não se tivessem dirimido as dúvidas e tudo levasse a crer que os nossos superciliosos historiadores continuassem por muito tempo a andar às turras, resolveu-se oficialmente dar a primazia a Anchieta e, à guisa de tributo de gratidão e de exaltação à sua memória, ergueu-se-lhe, na Praça da Sé, um monumento.

À frente da Catedral, a dois passos do lendário Pátio do Colégio, como se fôra um intruso, se depara com a sua figura inexpressivamente amortalhada em bronze. Com os pés firmemente plantados em enorme soco, com a cabeça pendida, olhos baixos, cenho lúgubre vincado de ameaças, dorso curvo, tendo desajeitadamente na mão direita, alçada à altura do peito, um crucifixo, e na esquerda, pendente ao longo do corpo, o breviário, lá se encontra êle rodeado de uma floresta de cimento armado, eriçada de arranha-céus, infernado, dia e noite, pela algaravia de milhares de transeuntes e pela atroada de ruídos, estrépitos e brados de tôda intensidade e de tôda sorte.

Tudo em volta acha-se em flagrante contraste com a ambiência em que viveu.

Nada sugere o primitivismo de nossos dias iniciais. Nenhum arco e nenhuma flecha. Nenhuma árvore e nenhum fio de água. Nenhum pássaro e nenhuma caça arisca.

Nada que evoque a natureza que tanto amou.

Como difere em tudo daquele Anchieta que aprendemos a reverenciar, daquele suave caminheiro solitário e infatigável de nossos umbrosos gerais e agrestes serras, que, nas poucas horas de descanso que conhecia, se comprazia em embrenhar-se no nosso longínquo litoral; daquele que, prêso como refém em Iperoig, compunha nas areias de suas ridentes praias os mais doces e ingênuos versos à Virgem Maria!

Deixando à parte a localização e os discutíveis méritos do bronze, que tanto atentam contra os cânones da beleza, cumpre ressaltar que meritória foi,

* Professor Catedrático de Higiene da Criança, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

contudo, a intenção de tentar-se resgatar, tão tardiamente, uma parte pequenina da imensa obrigação que temos para com êsses abnegados membros da Congregação de Loyolla, êsses piagas do amor como lhes chamou Castro Alves, simbolizados na figura sublime do taumaturgo, que nos assistiram na difícil hora do alvorecer de nossa nacionalidade e, com tanta nobreza, nos acompanharam na jornada de nossa emancipação.

Anàlogamente, ao inaugurarmos o busto de Paula Souza, vamos quitar apenas uma fração da dívida imane que contraímos para com o nosso insigne Mestre.

Esta celebração, mercê de múltiplos e variados impedimentos, igualmente muito se fêz esperar. Se a protelamos até hoje, foi por motivos inteiramente estranhos aos nossos anseios, pois a planejávamos, num movimento de calorosa afeição, para o ano imediato ao do seu desaparecimento.

Quanto ao papel por êle desempenhado na criação desta Faculdade, não nos assediam as incertezas experimentadas pelos cultores de nossa história a respeito da fundação de nossa Paulicéia.

Coube-lhe, sem sombra de dissenção, a "pars magna". Com adiantamento de décadas ao pensamento médico da época, foi êle o seu idealizador e o seu criador. Tôda a sua energia se concentrou, vencendo renhida oposição, em dar vida e continuidade à obra que engendrou.

Nós, que o acompanhamos desde as primeiras horas e juntos enfrentamos árduas e penosas pelejas até que alcançássemos a vitória final, sempre o reconhecemos como nosso chefe indiscutível. Como soldados disciplinados mantínhamo-nos sempre alerta. Os uniformes que envergávamos, embora fôssem de campanha, não eram poentos e não lhes faltavam os botões. Não corríamos para a direita e para a esquerda. Marchávamos sempre para a frente. Não disparávamos tiros no escuro da noite nem mudávamos a escopeta de ombro, embora árduas tivesssem sido as nossas vigílias de armas.

Tinha êle as divisas de general, quando recebíamos nós os nossos primeiros galões.

Erigimos a sua bem assombrada herma neste chão em que êle afortunadamente só conheceu dias de ventura, onde por ocasião dos desalentos de alma, sentia retemperadas a sua energia e a sua serenidade, e que não o barganharia por nenhum outro recanto por mais belo e poético que fôsse.

Colocamo-la à frente dêste edifício — baluarte da saúde pública paulista — que êle, com tanto amor, planejou e, com tanto enlêvo e ansiedade, viu crescer, pedra sôbre pedra, e cercamo-la dêste amplo e belo jardim de que êle viu vicejarem as primeiras gramas, vingarem os esbeltos fustes das primeiras palmeiras, frondejarem e florescerem as primeiras árvores.

Neste ambiente de harmonia, possam da mesma maneira, à sombra desta Domus Augusta, o farfalhar das fôlhas, a fragrância das flôres, o gorjeio dos

pássaros e a alacridade clangorosa das cigarras dar-lhe o agasalho e o amor que imorredouramente lhe dão os nossos corações de amigos e discípulos.

Conservador, amigo incondicional das liberdades públicas, era Paula Souza decididamente avêsso às ideologias subversivas. Amava a vida e nela encontrava encanto e alegria. Era um mestre do otimismo. Fidalgo de maneiras, fiel às nobres tradições de seus antepassados, dava à profissão alto sentido de nobreza e extremado calor de ternura e humanidade.

Embora de temperamento sôfrego e inteligência inquieta, não era, nas lides do espírito, um perscrutador de sutilezas. Mantinha-se alheio às angústias metafísicas. As inquietações políticas e sociais, porém, o interessavam, e muito.

Voltava-se invariàvelmente para os problemas reais, êstes sem cessar o inquietavam; buscava conhecê-los e cogitava por bem os resolver.

Timoneiro de longo curso, tendo já corrido as sete partidas do mundo, sua bússola assinalava sempre a rota certa. Os seus esforços e os seus empenhos jamais eram malbaratados em inicativas desconchavadas. Possuía o senso da conveniência e da oportunidade. Nunca preteria os reclamos essenciais no afã de alcançar o supérfluo. Tinha fé absoluta no seu destino e jamais se desviava de um alvo predeterminado. A sua vontade não conhecia distorções.

As suas atividades não se processaram ao capricho da rosa-dos-ventos e podem ser confinadas em quatro rubricas, das quais tentarei dar breve raconto. Ei-las:

1.º) — *No terreno do ensino, em que* se revelou Mestre excepcional.

No viço de seus anos, em largo descortino da missão a que estava predestinado, agremiou um pugilo de prosélitos, cheios de fé e de indômita vontade de pugnar pelo mesmo ideal, dos quais se tornou o guia inconteste e com os quais lutou, sem desencorajamento, até que lograsse um altar, um templo que fôsse a verdadeira "célula mater" do ensino da Higiene e da Saúde Pública. E, anos andados, em plena maturidade, teve a ventura de fundar o estabelecimento com que tanto sonhara e que, sem dúvida alguma, é o seu "magnum opus".

Criou esta Escola com o fito de preparar técnicos que o ajudassem na ingente cruzada de libertar o nosso povo espoliado e sofredor e de redimir a nossa terra dos males que a infelicitavam, quando o povo e a terra não eram lembrados senão pelos idealistas que os amavam deveras.

Era uma Escola para o povo e não para os seus usufrutuários, era uma Escola com propósitos definidos e não uma Escola em busca de um ensino.

Não obstante fôsse Paula Souza muito mais homem de ação do que de gabinete, soube ser também provecto educador. Preenchia plenamente as

condições básicas de êxito no árduo e difícil exercício do magistério. E são elas, ao meu sentir, as seguintes:

a) Era um caráter incorrupto, símbolo mesmo da retidão moral e das virtudes privadas e públicas. Conhecia os imperativos da consciência e da moral e tinha-os como código de honra.

b) Homem de boa avença, achava-se perfeitamente adaptado às lides da vida de professor. Não conhecia, ou melhor, não sabia, nesse sentido, o que fôsse um desajustamento. Êle amava, antes de tudo e acima de tudo, a sua cátedra. Doutrinou aquilo que viveu e viveu aquilo que doutrinou.

c) Era um convicto da relevância da ciência, à qual consagrou tôda a sua vida. Ensinava sinceramente que a Medicina devia girar em tôrno da Higiene e não a Higiene em tôrno da Medicina. Em seu sistema, o centro solar deveria ser Higéia e não Asclépio.

d) Acreditava que é o professor que engrandece a cátedra e não a cátedra que engrandece o professor. Serviu-a com honra e não desfrutou as honras que ela poderia ter-lhe conferido.

e) Possuía, além de uma inteligência arguta, serena e objetiva, todos os atributos peculiares à nossa gente e à nossa índole, que, aliás, o qualificavam em grau superlativo.

f) Era um espírito aberto, de espantosa receptividade às idéias e aquisições novas. Jamais titubeava em abandonar princípios doutrinários ou hipóteses, partissem de onde partissem, tão cedo lhe fôsse demonstrada a sua inaceitabilidade.

g) Tinha horror ao facciosismo. Era o menos dogmático dos doutos. Não só tolerava, mas prezava os que pensavam de maneira antagônica, e defendia como lídimo o direito dos contendores travarem-se de razões.

h) Era enérgico, pragmatista e altamente sensível à realidade de nossa situação. Enxergava-a como ela realmente é, sem os arroubos da fantasia e sem as especiosidades do falso patriotismo.

i) Nunca desviava a sua atenção para atividades ou considerações que diretamente não condissessem com a Higiene ou a Saúde Pública. Não sendo um ensimesmado, tinha horror à reclusão e buscava, como necessidade imperiosa, o convívio de seus concidadãos, tentando servi-los através de múltiplas organizações sociais, às quais, desprendidamente, emprestava a melhor das colaborações.

j) Era notória a sua desambição material. Jamais maldizia a sua estrêla. A magra tença auferida dignamente no exercício da cátedra lhe era suficiente.

Foi o ínclito Paula Souza um dos incansáveis propugnadores da reunião das escolas paulistas em universidade e, quando esta se fundou, ninguém mais do que êle exultou.

Insistia que, em qualquer setor, deveria ser sempre o trabalho individual subtituído pelo trabalho de equipe e o trabalho dos institutos coordenado e entrosado dentro do melhor espírito universitário.

A sua tese era que se congregassem todos os institutos em uma só matriz — a comunidade universitária — no seio da qual se criaria uma nova consciência de maior ressonância, expressa de maneira inequívoca pela unidade de sentimento e pensamento, que viesse assegurar, a todos, breves e incontestáveis triunfos.

Antes de um nome punha um grupo e antes de um grupo punha a comunidade de estudiosos. O espírito universitário deveria sempre prevalecer ante o espírito de escola. A noção que tinha de universidade não é aquela que predomina em nosso País: mero agregado de escolas enfeudadas em cioso e hostil isolacionismo.

O livre intercâmbio e a mais assídua cooperação era a única proposição que lhe parecia defensável, mormente em uma terra, como a nossa, tão carente de unidades escolares superiores.

Mudando o rumo dos acontecimentos, conseguiu êle, pela primeira vez entre nós, um entrosamento harmonioso e altamente profícuo de diferentes institutos, como acontece com o que atualmente existe entre a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica e a nossa Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Em relação à universidade, quer me parecer que êste seria o lema que havia adotado: pormo-nos ao serviço dela, em lugar de dela nos servirmos.

Ainda um aspecto da figura de pedagogo a ser caracterizado é a relutância com que aceitava as limitações que o regulamento impunha às suas pretensões.

Sua independência de espírito fazia-o, a cada passo, insurgir-se contra os dispositivos regulamentares. Via nêles uma ameaça potencial para as aspirações dos que querem progredir e considerava-os como novas cassandras às quais se é obrigado a prestar ouvidos. Tanto quanto possível, procurava ladeá-los a fim de atingir os seus desideratos, habitualmente cheios de imprevista originalidade, como se fôsse um escravo que rompesse as suas algemas para se tornar um liberto.

Rebelava-se constantemente contra as determinações das leis ronceiras que prescrevem o que se não deve fazer, mas silenciam sôbre o que fazer e como fazer. Êle que, com celeridade, punha asas aos seus projetos, não se conformava com essa inflexibildade. Ao seu sentir, a ação requer maleabilidade, só a estagnação é rígida.

2.º) — *No setor da administração sanitária* muito fêz que deve ser levado ao seu crédito de estrênuo e desvelado administrador.

Paula Souza não era, repito, homem de gabinete. Os livros não constituíam o seu mundo. Dizendo isto, não pretendo afirmar ou sequer insinuar que não fôsse alentada, profunda e sólida a sua cultura, pois a sua vida desenvolveu-se, desde a mais tenra infância, em ambiente do mais alto e refinado saber e elevado idealismo.

De tudo quanto poderia mencionar acêrca de seu espírito, desejo apenas ressaltar que as suas características principais eram, além da de educador, a de criador e organizador de inexcedíveis méritos. Combinava, harmoniosamente, a calma serenidade do professor com a determinação férrea do líder, que trabalha, incessantemente, para a consecução de determinado objetivo que tem em mira.

Tinha, na qualidade de administrador, horror a qualquer iniciativa destituída de sanção prática ou vazia de efeitos sensíveis. Administrar significava para êle realizar, empreender e abrir novas sendas ao progresso da ciência e ao bem-estar da comunidade.

Quando diretor do antigo Serviço Sanitário, refundiu-o integralmente, expurgando a rotina que travava o seu funcionamento, imprimindo-lhe os novos moldes que se faziam necessários e introduzindo-lhe largo rol de profícuas e inadiáveis inovações.

Os esplêndidos benefícios práticos que dessa radical transformação resultaram para a coletividade não se fizeram esperar e os de ordem técnica perduram até nossos dias.

Entre aquêles, eu me permitiria citar, em decorrência à cloração da água, pela primeira vez feita no Brasil, a extinção da febre tifóide, que centenas e centenas de vidas ceifava todos os anos. E, entre êstes, a criação dos centros de saúde e do regime de trabalho em tempo integral.

E se não vou mais além, é para não me perder em longa e exaustiva enumeração.

Foi precisamente nessa ocasião que se desencadeou, com impetuosidade avassaladora, desabrida campanha de desmoralização contra quem dava de si as melhores e mais indiscutíveis provas de competência.

Certo e mais que certo de suas convicções, foi admirável o denôdo com que Paula Souza arrostou êsses dias amargos de incompreensão e malevolência.

Todo o vitríolo derramado não lhe envenenou o coração nem lhe derrancou a alma.

Sabia que não era o primeiro homem da saúde pública a ser impiedosamente hostilizado no Brasil. Duas outras culminações, Emílio Ribas e Oswaldo Cruz, tinham igualmente conhecido a mesma "via crucis".

Por fôrça já deveria ter-lhe ocorrido a advertência de Corneille, no Cid, de que "vencendo sem perigo, conquista-se o triunfo sem glória", e que o nosso genial Ruy, tão rija e injustamente combatido por muitos dos seus contemporâneos, certa vez. afirmara: — "Todos os homens úteis à sua pátria hão de provar a esponja de fel e vinagre."

3.º) — *No campo das atividades médico-sociais* distinguiu-se de maneira ímpar. Áureas foram as suas realizações.

Impôs-se à nossa admiração não sòmente pelas pesquisas e providências de caráter prático para a melhoria do padrão alimentar do brasileiro, como também prestou a sua inestimável experiência e cooperação a dois dos nossos mais importantes serviços sociais: ao Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT) e ao Serviço Social da Indústria (SESI).

Próvido do bem-estar da comunidade, em ambos êstes organismos revelou a pujança do seu notável espírito público, forrado pelo de médico que nunca deixou de ser.

Paralelamente aos objetivos de ordem econômica e técnica que estas entidades buscam alcançar, procurou êle, altruìsticamente, desenvolver um plano médico-assistencial que visava, acima de tudo, valorizar o homem, a fim de que a sua existência não fôsse amargurada por frustrações e sofrimentos.

Sentindo a tragédia íntima das almas que palpitavam ao seu lado, em vez de um provedor de misericórdias, fêz-se um provedor de assistência social.

4.º) — *No plano das atividades internacionais* lavrou tento portentoso e estupendo, que transcendeu a meta do seu tempo: a criação da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Ave de arrebatados vôos, não se alcandorou nas cimeiras dêste Solar, em tôrno do qual amorosamente fêz gravitar sua vida. Buscou, muitas vêzes, céus bem mais distantes.

A Organização Mundial da Saúde, a um recuo de duas décadas, afigurava-se como utopia a desafiar os mais arrojados visionários; era como se fôsse um moinho de vento contra o qual só investiriam destrambelhados sonhadores.

Ao mais exaltado dos devaneadores ela não passaria de uma inconcebível audácia.

No entanto, o nosso denodado Paula Souza, encadeador de entusiasmos, deitando contas às suas fôrças, triunfou onde qualquer outro falharia. Como membro da delegação brasileira à Conferência de São Francisco, batendo-se pelos que tinham fome e sêde, que careciam de compreensão e de amor, foi o primeiro a desfraldar impàvidamente a nova bandeira que, derrubando as muralhas das fronteiras, sobrepôs, aos interêsses nacionais, os interêsses gerais da humanidade.

Sem tardança, viu o seu nobilíssimo anseio convertido em prestimoso organismo internacional, onde se alteiam hoje as inteligências e as culturas exponenciais de todo o mundo médico e do qual passaram a fazer parte 62 diferentes Nações. O empreendimento foi eloqüentemente revolucionário no seu significado social, ou, em outras palavras, no sentido mais amplo da fraternidade universal.

Foi, assim, o nosso renomado obreiro um daqueles eleitos que nasceram para construir mundos melhores.

Não é necessário que relembre aqui quais os propósitos da Organização Mundial da Saúde e quão generosas têm sido as benesses colhidas desde que ela passou a desincumbir-se de suas atribuições.

Em tôdas as latitudes e em tôdas as longitudes, em todos os continentes faz sentir a sua presença, substituindo o domínio da dor pelo domínio da esperança. Destarte, não mais se justifica a exclamação angustiada daquele altruísta que, com a alma alanceada pelo sofrimento humano e inconformado com a indiferença dos homens implorava, levantando contritamente as mãos para os céus: — "Senhor, perdoai-nos por olharmos o mundo com olhos enxutos!"

Evocando a execução de Sócrates, conta-nos Platão, em páginas sublimes, por certo conhecidas de todos os presentes, a tranqüila coragem com que o excelso filósofo, em imolação ao ideal de seus ensinamentos, enfrentou a temida hora derradeira.

Depois de primorosa digressão sôbre os destinos humanos e de exortar os seus fiéis discípulos que lhe prestavam companhia a resignarem-se e não se darem por vencidos ante a chegada de tão patético instante, elevando a voz chamou resolutamente pelo carcereiro e determinou que lhe preparasse e trouxesse a beberagem fatídica.

Sorveu-a de um só trago e pôs-se a caminhar, conforme lhe fôra aconselhado, de um lado para outro de sua cela, a fim de apressar o efeito tóxico da cicuta.

Ao perceber que os seus membros já entorpecidos principiavam a claudicar, estirou-se no catre, cobriu-se com o lençol que lhe serviria de mortalha e dispôs-se a aguardar serenamente que a chama da vida se extinguisse.

Ao pressentir que poucos minutos lhe restavam, voltou-se para o seu dileto Criton e pediu-lhe que não se esquecesse de sacrificar, sôbre o altar de Asclépio, o galo de que era devedor. Rogava-lhe, assim, que o desobrigasse do pagamento dessa dívida sagrada. Foi esta a sua última recomendação.

Assim, inspirados neste inesquecível episódio, nós, que cultuamos a memória do inolvidável Magister e que somos responsáveis diretos por parte significativa do seu valioso legado, ao cedermos os nossos postos aos nossos eventuais substitutos, haveremos de recordar-lhes, nesse momento, que hosanas e

gratidão devem ser tributados à memória querida do Mestre que ora reverenciamos.

Haveis de convir, senhoras e senhores, ante tão nobres e nímios feitos, que o imaginoso campeador não batalhou inglòriamente contra moinhos de vento.

Com a maior isenção de ânimo e sem quebra de respeito às egrégias figuras médicas do passado e do presente, às quais tributo a mais sincera reverência e a maior admiração, afianço-vos não conhecer, no Brasil, ninguém que, mais do que Paula Souza, tenha engrandecido e dignificado o ensino da Higiene e da Saúde Pública.

Paula Souza faz jus, deveras, a um lugar no coração do povo paulista e do brasileiro, a quem deu o que pôde e o quanto pôde. Fêz do magistério a razão, a finalidade e a justificação da sua profícua e abençoada existência. Mais do que um higienista emérito, foi êle notável cidadão, um benemérito da Pátria comum.

A sua vida converteu-se em um exemplo e um ensinamento. Ela contraria, assim, o que pretende o prosaísmo utilitarista moderno: que aquilo que pertence ao passado, não possui mais realidade. É por êste motivo que nós, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que tivemos a ventura e a honra de ser seus discípulos e amigos, confessamos, como tantas vêzes já o fizemos, a nossa imperecível admiração e o nosso eterno reconhecimento a Geraldo de Paula Souza.

Elevemos o nosso pensamento e reverenciemos o Mestre insigne, que tanto enobreceu a Pátria.